

GIR 01771

▼ LAR, DOCE LAR

Guaranis garantem um lugar para sobreviver

Área demarcada para o primeiro assentamento oficial da tribo no Estado tem 5,6 hectares e se localiza próximo ao Parque do Tabuleiro

IMARA STALLBAUM

Palhoça
Em meio às quase sempre péssimas notícias relacionadas aos índios brasileiros, um fato mereceu destaque ontem no cenário nacional: a inauguração do primeiro assentamento oficial de guaranis em Santa Catarina, numa propriedade de 5,6 hectares situada em Palhoça, na Baixada do Massiambu, nas vizinhanças do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Os antigos ocupantes da área, cuja maior parte é ocupada por espécies vegetais de Mata Atlântica,

foram presos após terem sido flagrados cultivando uma plantação de maconha. Os novos ocupantes são agora os 36 mbyá guaranis, que viviam em estado de marginalidade às margens do prolongamento da BR-282, na localidade de Terra Fraca, Palhoça, há cerca de sete anos.

A chegada ao novo lar foi marcada por um clima de ansiedade e excitação. Sob a orientação do antropólogo Aldo Litaiff, um especialista em guaranis e que atua no Museu de Antropologia da UFSC, e do padre Jaci Ro-

cha Gonçalves, presidente da Orionópolis Catarinense, instituição que há dois anos e meio vem dando assistência ao grupo, dois índios usaram um alicate e uma chave de fenda para arrancar o cadeado. Com a entrada desobstruída, os demais membros da comunidade, composta por 15 adultos e 21 crianças, deram início à ocupação.

ÚLTIMA MUDANÇA - Para quem vivia em Terra Fraca, em oito choupanas miseráveis e confeccionando cestos de palha para vender, a mudança carregada num velho caminhão cedido pela Prefeitura e sob o acompanhamento de uma comitiva de jornalistas e experts da arqueologia mundial não chegou a impressionar. Eram

algumas cadeiras, poucas ferramentas, um rádio portátil, galinhas e pintos, cachorros, e vários sacos de plástico com roupas e alimentos.

"Esta é a nossa última mudança", conseguiu exclamar o cacique Darci Lino Gimenez, cujos olhos não escondiam a emoção do contato com uma terra que já teria pertencido aos guaranis. Recentemente, uma arqueóloga da UFSC encontrou nas imediações um vaso de cerâmica com 800 anos, que teria pertencido a esta nação. De acordo com o antropólogo Aldo Litaiff, os mbyá guaranis são considerados os mais ecológicos entre os grupos indígenas: "O habitat deles é a floresta virgem e é dela que eles tiram a subsistência".

Essa terra tem dono



Comunidade teve o prazer de colocar uma placa há muito tempo esperada

Nação tem cerca de 2 mil anos de história

Apesar de terem migrado do Rio Grande do Sul e do Sul de Santa Catarina, os guaranis instalados ontem à tarde em Palhoça são remanescentes da nação guarani que há cerca de 2 mil anos saiu da Bacia Amazônica, subdividindo-se em três grupos: os mbyá e os nãndeva, detectados em todo o litoral brasileiro entre o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul, e os kaiovas, encontrados exclusivamente no Mato Grosso do Sul.

Segundo o antropólogo Aldo Litaiff, em todo o País acredita-se existirem cerca de 36 comunidades guaranis. Ele observa que os mbyás integram o grupo guarani que mais tem preservado sua cultura. Também chamados de carijós, eles ocupavam Santa Catarina na época do Brasil Colônia. Endogâmicos, ou seja, casando-se exclusivamente entre si, os representantes desse grupo falam português atrapalhado com estranhos. Na intimidade, recorrem à língua guarani-mbyá, da qual 90% das palavras são oxítonas.

São considerados ainda os mais ecológicos entre os índios e no passado eram detentores do uso das plantas para fins terapêuticos. A base de sua alimentação é o milho, que eles plantam e moem.

Padre Jaci comemora vitória

Os antropólogos Otávio Velho, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, um dos maiores centros de Antropologia da América do Sul, e Sílvio Coelho, presidente da Sociedade Brasileira de Antropologia, acompanharam ontem à tarde a instalação dos mbyá guaranis no novo lar. A operação, porém, teve num homem de estatura mediana e ar jovial uma espécie de comandante. Trata-se do

padre Jaci Rocha Gonçalves, que dirige a Orionópolis Catarinense.

Há dois anos e meio, o religioso e sua equipe passaram a ajudar os índios com roupas e alimentos. A relação fez com que padre Jaci se transformasse no principal incentivador da transferência dos indígenas para um lugar aprazível e definitivo. Foi ele quem convenceu o Prefeito de Palhoça a ce-

der o terreno que agora foi passado para a responsabilidade da Funai.

Embora não vá deixar de continuar apoiando os mbyá, padre Jaci sugere que os demais simpatizantes da causa indígena ajudem o grupo doando madeira para a construção das casas, enxadas e pás, arroz, farinha de trigo e fubá. Quem desejar atender ao apelo deve ligar (0482) 44-0238.